

Saltburn



Por IVANA BENTES*

Considerações sobre o filme de Emerald Fennell

Acabei de ver *Saltburn*, filme sensação da britânica Emerald Fennell, uma versão gótica, pop e anarcocapitalista de *Sonhos de uma noite de verão*, de Shakespeare, tornada uma comédia de “erros” remixada com um sombrio e sarcástico Harry Potter.

Oliver, o fabuloso protagonista, vai passar da aristocrática e esnobe Universidade de Oxford – mais farfalhante e ostentatória que a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts – para o coração de uma família de ultra ricos caricaturais, que naturalizam todos os instintos e desejos com luxúria e tem suas próprias regras de condutas sociais e sexuais com a segurança e extravagância dos que fazem parte dos 1% da elite global.

O filme é também uma espécie de versão anarcocapitalista (anarquismo de livre mercado, cioso de todos os privilégios privados), do perturbador e libertário filme *Teorema*, de Pasolini, e ainda traz os toques de psicopatologia do fascinante Tom Ripley, de Patricia Highsmith, aquele personagem amoral e criminoso com quem simpatizamos de forma inelutável, mesmo que destrua nossas vidas e valores (como fazia Hitchcock com seus vilões).

Tom Ripley é uma referência que a própria diretora explicita ao falar do filme. Ripley é um sujeito cada vez mais genérico e contemporâneo, que rima com Milei. Uma psicopatia social capaz de encantar multidões e eleitores.

A diretora produz uma imediata complacência e simpatia por Olivier, Barry Keoghan (o ator performa uma impressionante transformação ao longo do filme), ao acompanharmos sua entrada na Universidade de Oxford como bolsista, com suas roupas de brechó, tímido e intimidado, um plebeu, jovem de classe pobre ou classe média, apartado dos estudantes ricos, intimidado e perdido em um mundo pouco amigável de sobrenomes, famílias e tradição.

Se ficássemos por aqui já teríamos um conto contemporâneo sobre as pequenas e grandes humilhações que vêm com a descoberta das classes e grupos sociais e o esforço para se adequar a elas, se enturmar, sorver algo dessa riqueza, ser pelo menos amigo do colega ultra belo, charmoso e rico. O olhar assujeitado de quem convive com, mas está irremediavelmente fora da partilha da riqueza dos mundos.

Mas *Saltburn* não vai tratar de nenhuma tomada de consciência social, luta contra assimetrias e privilégios, desigualdades e injustiça. Porque o que vemos é um personagem que passa a desejar profundamente esse mundo. Não há ressentimento e nem revolta, mas desejo de ser o outro, de usufruir de todos os seus privilégios.

Como Olivier, ficamos totalmente deslumbrados pela beleza escandalosa e charmosa de Félix, o estonteante Jacob Elordi, que já tem no nome o signo de tudo que o mundo vende como felicidade e sucesso. Félix de feliz, de afortunado, de riqueza material herdada, de beleza que seduz todos os gêneros, um “favorecido dos deuses”, uma espécie de hipérbole, muito

além de todos os privilégios brancos, padrões e heteronormativos.

Aliás, um detalhe importante, a aristocracia inglesa do filme, como a elite econômica global parece dizer, com deboche e comiseração, que a sexualidade normativa é “coisa de pobre” e de classe média, afinal a hipersexualidade, a fluidez e mobilidade sexual também são uma das formas de exercer não apenas a liberdade, mas também o poder.

O tímido e desmonetizado Oliver logo descobre que seus bons modos sociais (“você é tão real”, diz uma das personagens, querendo dizer, você é tão “simplório”) e seu capital sexual são das poucas coisas que de fato tem a oferecer para toda a família.

A performance do ator Barry Keoghan surpreende e segura as reviravoltas do filme, mas é só como fábula que o vemos passar, em pouco tempo, do menino intimidado e franzino que se submete a excentricidades da família inglesa, para um jovem que vai ganhando corpo, se desnudando e seduzindo por ouvir, compreender, até chegar ao Oliver autoconfiante que debocha e manipula a dor dos outros, exatamente como a família Catton opera.

A sexualidade em *Saltburn* é quase uma sequência de violações consentidas e cúmplices. Usa-se o sexo para assujeitar o jovem negro, o primo menos abastado da família, o sarcástico personagem Farleigh (Archie Madekwe), o único a desconfiar que Oliver quer muito e obsessivamente partilhar desse mundo da riqueza, em que as pessoas falam o que pensam uma para as outras sem eufemismos, jantam e jogam tênis de smoking enquanto bebem *champagne*, numa espécie de alegre e debochado “*savor-faire*” adquirido com todos os privilégios da riqueza.

Hackeando as transgressões

As cenas dessa hipersexualidade que atravessa todos os personagens têm menos a ver com um imaginário libertário e mais com o exercício dos poderes, nenhum dos personagens limita os seus gozos pelas convenções sociais, todas as possibilidades estão na mesa da aristocracia inglesa e Oliver aprende rápido que sexo é poder.

Obviamente que as resenhas e críticas nas redes e jornais sobre *Saltburn* só se atém a isso. “[Filme] traumatiza internautas com cenas pornográficas perturbadoras em banheira e cemitério”, é apenas uma das chamadas sensacionalistas, reforçando e valorizando os produtos culturais aditivados com uma dose de escândalo fabricado. Hiper estímulos que vendem e engajam, novo modelo de negócios universal.

Mas o que os “escândalos” e “polêmicas” sexuais dizem mesmo? Ao mesmo tempo em que vemos a ascensão de uma extrema direita conservadora e normativa no mundo, tudo que vende tem que ter algo escandaloso, libertário, “pervertido”, ou não-normativo como ativador dos imaginários. Hoje, o próprio ideário extremista se apropriou das “transgressões”.

Eu diria até que o imaginário libertário pós 1968 da contracultura, do parlamento dos corpos, da fluidez dos gêneros é o *playground* inconfesso dos conservadores. “Proteja-me do que eu quero” parece ser a denegação global de certa classe média e de ultraconservadores em todo o planeta. A palavra liberdade e libertário, por outro lado, também, ganhou contornos conformistas!

Não há transgressões nas cenas de sexo de *Saltburn*, não vemos nada de escandaloso, diga-se. Só no final do filme, a diretora dará, aí sim, um sentido perverso a sexualidade desperta de Oliver, como instrumento de ascensão social e poder. O que a meu ver quase estraga o filme e trai a ambiguidade do personagem, tornado um “psicopata” clichê.

Mas, claro, as cenas de sexo, curtas e cenarizadas estão totalmente integradas a trama, que sempre vai nos surpreendendo. O clima feérico de *Saltburn*, o décor, os figurinos, a fotografia deslumbrante, verdes bosques iluminados, claro escuro dos quartos suntuosos, as fantasias imaginativas da festa de aniversário para Oliver no bosque de verão

a terra é redonda

shakespeariano, tudo isso ameniza qualquer eventual “choque” comportamental.

Não há escândalo, mas as cenas podem ferir sensibilidades pelo padrão higienizado com que o sexo é representado no cinema, bem longe dos fluidos corporais reais e das práticas que os personagens se permitem realizar: sexo com uma mulher menstruada. Oliver sorvendo com ardor a água da banheira em que Félix se masturbou. Oliver deitado nu e se esfregando sobre a terra da sepultura de Félix.

As cenas de sexo no filme têm muito mais um caráter de posse e profanação. Oliver vai transando com os que consegue dominar psicologicamente: Venetia (Alison Oliver), a irmã de Félix, dependente de sexo; o primo Farleigh (Archie Adekwe), um jovem negro “punido” sexualmente por Oliver em uma cena homoerótica e ao final a cena de intimidade e morte da mãe de Félix, Elspeth: a maravilhosa atriz Rosamund Pike, seu ato final de domínio da propriedade, de profanação dos corpos e sua transmutação.

O filme provoca e debocha do espectador mais normativo com signos culturais de vampirismo, fetichismo e morbidez, que poderiam ser lidos como parte da trama e da personalidade de Oliver, ao descobrir sua única possibilidade de ascensão e intrusão social naquela família, pelo desejo e sexualidade.

Oliver ama o mundo que Félix encarna. Não existe amor e nem paixão que não inclua o desejo pelo mundo do outro. É o que nos ensinam Proust e Deleuze. E é muito fácil ficar obcecado pela beleza estonteante de Félix e a suntuosidade de *Saltburn*.

O filme embasaca e fascina o espectador pela visualidade farfalhante, gótica e pop. Usa a linguagem do videoclipe em alguns momentos decisivos: (i) Quando Félix protagoniza uma espécie de videoclipe da riqueza e ostentação, ao mostrar a mansão e seus aposentos para um Olivier intimidado chegando para as férias de verão na propriedade de sonhos que é *Saltburn*.

(ii) Também temos o cômico e constrangedor karaokê em que Oliver se dá conta que foi colocado para cantar “*Rent*”, dos Pet Shop Boys: “*The currency we’ve spent \ I love you, you pay my rent*” (rimando *spent*, gastar com *rente*, aluguel): te amo, você paga meu aluguel).

(iii) E no suntuoso clipe final em que Oliver coreografa seu triunfo em *Saltburn*, passando pelos aposentos da mansão, celebrando suas posses e seu corpo nu, quando usurpa o lugar e se torna, ele mesmo, Félix, dançando pelos salões ao som da música “*Murder on the Dancefloor*”, de Sophie Ellis-Bextor.

(iv) Oliver é Félix. Voltamos ao proverbial personagem Ripley: “Sempre pensei que seria melhor ser um falso alguém do que um verdadeiro ninguém”. No caso, de fato, Oliver toma posse de Félix e do seu mundo.

Eis a fábula anarcocapitalista dançante. Eis o triunfo do “chegar lá” vendido por todos os coachs contemporâneos do sucesso e da prosperidade. Féerico, sarcástico, o filme é bem mais escandaloso por isso. Oliver transmutado, liberação do inconsciente inundado por uma alegria sinistra da posse e da propriedade.

Ah, mas você gostou do filme? Sim, o filme é fascinante porque lida com imaginários contemporâneos, sentimentos contraditórios e perturbadores, ações que nos seduzem ou produzem aversão, confrontando nossos valores. Gostar ou não gostar significa pouco diante da tarefa que temos hoje de entender, analisar, perceber e transformar o estado das coisas.

***Ivana Bentes** é professora titular da Escola de Comunicação da UFRJ. Autora, entre outros livros, de *Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas (Mauad X)*. [<https://amzn.to/4aLr0vH>]

Referência

a terra é redonda

Saltburn

EUA, Reino Unido, 2023, 127 minutos

Direção e roteiro: Emerald Fennel

Elenco: Barry Keoghan, Jacob Elordi, Archie Madekwe, Alison Oliver, Archie Adekwe, Rosamund Pike.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

A Terra é Redonda